

rio a qual agua he singular para as obstruçoens que as disfas e abre a vontade de comer cujo efeito lhe communicão as raizes da erva devina que naquele terreno se cria que produzem o mesmo efeito e tanto estas como a mesma agua sam procuradas de muitas e diversas partes ¹.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Museu de Sèvres

Faianças portuguezas

Os museus de França estão-se constantemente enriquecendo, não só por acquisições feitas á custa do Estado, mas por generosos donativos particulares.

Num dos ultimos numeros do *Temps* encontramos nós a relação dos objectos que deram ultimamente entrada no Museu de Sèvres, entre os quaes avulta uma collecção enviada pelo engenheiro francês o Sr. Charles Lepierre, professor de chimica na escola industrial de Coimbra.

Esta collecção comprehende 229 peças, que formam um quadro completo dos especimes da industria ceramica em Portugal.

O Sr. Lepierre juntou a esta remessa uma interessantissima memoria manuscrita, em que estuda os diversos processos de fabricação, e dá a analyse dos barros, entre os quaes o famoso barro de Estremós, de que antigamente, segundo se diz, as fidalgas portuguezas e hespanholas usavam como gulodice. Conta madame d'Aulnoy —vae a asserção sob a sua inteira responsabilidade — no seu *Voyage d'Espagne*, que os confessores a maior parte das vezes só lhes impunham a penitencia de passarem alguns dias sem comerem o barro ².

¹ *Diccionario Geographico*, ms., t. xxxiv, fl. 1116.

² [Sobre este costume, tanto em voga em Hespanha no seculo xvii, escreveu um interessante artigo o Sr. Alfredo Morel-Fatio, in *Mélanges de Philologie romane dédiés à Carl Wahlund*, Mâcon 1896, pp. 41-49. O illustre professor da École pratique des Hautes Études, de Paris, commenta com a sua costumada erudição, e conhecimento especial que tem da litteratura hespanhola, as palavras de M^{me} d'Aulnoy citadas na local aqui transcrita do *Diario de Noticias*, sobre as quaes não pôde haver a menor dúvida. O artigo do Sr. Prof. Morel-Fatio intitula-se «Comer barro». — J. L. de V.]

Fôra para estimar que o estudo do Sr. Lapierre se vulgarizasse em portuguez e que nas nossas escolas industriaes se formassem colleções, methodicamente organizadas e classificadas como aquella que foi remettida para o Museu de Sèvres.

(Do *Diario de Noticias*, de 7 de Janeiro de 1898).

Noticias antigas de Ceuta e Tânger

I

«Cepta cidade em ho estreyto herculeo em fronte de Gybraltar.

.....

Em tempo dos mouros estava nesta cidade huma muy fremosa e grande cisterna, a qual oje neste dia está ajnda que já cahe e se quebra. E tambem os christaõs a quebram por respeito dos mouros que alli se metiam e escondiam. Esta cisterna he feyta dabobada e tem dentro III^o e tantos (300 e tantos) pilares de pedra. Esta cisterna he tam grande como hum lugar de 500 vezinhos e he toda ladrilhada com azulejos ou tijollos vidrados.

.....

Tanger jaz cinco legoas de Alcaçar Ceguer. Tem porto e baya que tem huma legoa de ponta a ponta.

E da outra banda estam hums edificios velhos onde em outro tempo foy huma cidade muy grande e se chama Tangere velho, porem os mouros dizem que em tempo antijgo estavam aqui trez lugares e os chamavam per seu arabigo Tange. s. o novo, e Angee. s. o velho, e Fange era huma cidade abaixo em a praya a qual ho mar alagou e he cuberto de area porem acham la ainda muytas cousas da povoraçam.

.....

Em esta cidade desfezerom certas torres como em qualquer das outras que os christaõs desfezerom amtre as quaes acharom huma que debaixo do chaão de licece e licece tinha huma abobada çarrada e começaromna quebrar, e em rompendo hum buraco ouvirom huma voz ou hum brado grado queyxoso, foram espantados, porem os officiaes seguirom seu começado trabalho cuydando a descubrir algum grande thesoro. E quando chegarom abaixo acharom em a parede hum buraco á maneyra de janella bem corregida em a qual estava